

Sobre a origem da opressão da mulher

Érika Andreassy

Diferentemente da ideologia dominante da sociedade, a submissão social da mulher não é uma determinação biológica, ou uma lei natural, o único resultado possível das relações históricas, nem é tampouco a-histórica, ou seja, a opressão da mulher não é uma constante desde o surgimento da humanidade, **mas é produto de transformações nos meios pelos quais os seres humanos produzem coletivamente as necessidades da vida.**

Engels, buscou explicar a origem da opressão da mulher no seu livro a Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. Apoiado nos estudos antropológicos de Morgan, concluiu que a opressão às mulheres surge do mesmo processo que instituiu a propriedade privada e a divisão das classes. Segundo ele, as primeiras formas de organização social não supunham a opressão da mulher, existia sim uma divisão social do trabalho, que era sexual, onde as atividades relacionadas a aquisição de alimentos estavam principalmente relacionadas aos homens, e de reprodução da vida, às mulheres, mas como ambas tarefas eram vitais ao grupo social, suas aquisições e produções eram propriedade de todos os membros, eram “propriedade comum”.

O desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, que promoveu uma maior produção de alimentos e o acúmulo de um “excedente” de produção permitiu, por sua vez a troca regular de produtos, foi o advento que levou a divisão da sociedade em classes. A busca por mais excedente de produção, exigia uma soma maior de trabalho diário que passou a ser suprida através da escravidão dos prisioneiros das guerras. Nasce então a relação entre senhores e escravos, entre exploradores e explorados. Esse processo gerou também uma importante transformação na família. Como diz Zetkin, “a contradição no seio da família monogâmica entre o homem possuidor e a mulher não possuidora passou a constituir a base da dependência econômica e da situação social de usurpação dos direitos do sexo feminino”. São essas condições que explicam a opressão secular da mulher.

A opressão às mulheres não surgiu no capitalismo, mas adquiriu neste modo de produção traços particulares. Ao despedaçar a antiga economia familiar, o capitalismo destruiu as bases econômicas do patriarcado, mas ao fazê-lo incorporou a opressão da mulher e a modificou, de modo que a opressão segue existindo só que agora sobre bases materiais distintas. Esse processo é o que explica o surgimento do que a Clara Zetkin chamou de moderna questão da mulher e os movimentos de luta das mulheres por direitos democráticos.

A entrada da Mulher na Fábrica

Karl Marx (1877)

À medida que torna prescindível a força muscular, a maquinaria converte-se no meio de utilizar trabalhadores com pouca força muscular ou desenvolvimento corporal imaturo, mas com membros de maior flexibilidade. Por isso, o trabalho feminino e infantil foi a primeira palavra de

ordem da aplicação capitalista da maquinaria! Assim, esse poderoso meio de substituição do trabalho e de trabalhadores transformou-se prontamente num meio de aumentar o número de assalariados, submetendo ao comando imediato do capital todos os membros da família dos trabalhadores, sem distinção de sexo nem idade. O trabalho forçado para o capitalista usurpou não somente o lugar da recreação infantil, mas também o do trabalho livre no âmbito doméstico, dentro de limites decentes e para a própria família.

O valor da força de trabalho estava determinado pelo tempo de trabalho necessário à manutenção não só do trabalhador adulto individual, mas do núcleo familiar. Ao lançar no mercado de trabalho todos os membros da família do trabalhador, a maquinaria reparte o valor da força de trabalho do homem entre sua família inteira. Ela desvaloriza, assim, sua força de trabalho. É possível, por exemplo, que a compra de uma família parcelada em quatro forças de trabalho custe mais do que anteriormente a compra da força de trabalho de seu chefe, mas, em compensação, temos agora quatro jornadas de trabalho no lugar de uma, e o preço delas cai na proporção do excedente de mais-trabalho dos quatro trabalhadores em relação ao mais-trabalho de um. Para que uma família possa viver, agora são quatro pessoas que têm de fornecer ao capital não só trabalho, mas mais-trabalho. Desse modo, a maquinaria desde o início amplia, juntamente com o material humano de exploração, ou seja, com o campo de exploração propriamente dito do capital, também o grau de exploração*.

(...)

Com a incorporação massiva de crianças e mulheres ao pessoal de trabalho combinado, a maquinaria termina por quebrar a resistência que, na manufatura, o trabalhador masculino ainda opunha ao despotismo do capital. (...)

Se a maquinaria é o meio mais poderoso de incrementar a produtividade do trabalho, isto é, de encurtar o tempo de trabalho necessário à produção de uma mercadoria, ela se converte, como portadora do capital nas indústrias de que imediatamente se apodera, no meio mais poderoso de prolongar a jornada de trabalho para além de todo limite natural. Ela cria, por um lado, novas condições que permitem ao capital soltar as rédeas dessa sua tendência constante e, por outro, novos incentivos que aguçam sua voracidade por trabalho alheio.

Primeiramente, na maquinaria adquirem autonomia, em face do operário, o movimento e a atividade operativa do meio de trabalho. Este se transforma, por si mesmo, num perpetuum mobile industrial, que continuaria a produzir ininterruptamente se não se chocasse com certos limites naturais inerentes a seus auxiliares humanos: debilidade física e vontade própria. Como capital, e como tal o autômato tem no capitalista consciência e vontade, a maquinaria é movida pela tendência a reduzir ao mínimo as barreiras naturais humanas, resistentes, porém elásticas¹⁴³. Tal resistência é, de todo modo, reduzida pela aparente facilidade do trabalho na máquina e pela maior ductibilidade e flexibilidade do elemento feminino e infantil. (...)

“Entre as operárias, há mulheres que são ocupadas por muitas semanas sucessivas, com exceção de apenas poucos dias, das 6 horas da manhã até a meia-noite, com menos de 2 horas para refeições, de modo que, em 5 dias da semana, das 24 horas do dia só lhes sobram para ir e voltar de sua casa e dormir”. (relatório fabril de 1844)

(...)

Com a ferramenta de trabalho, também a virtuosidade em seu manejo é transferida do trabalhador para a máquina. A capacidade de rendimento da ferramenta é emancipada das

limitações pessoais da força humana de 603/1493 trabalho. Com isso, supera-se a base técnica sobre a qual repousa a divisão do trabalho na manufatura. No lugar da hierarquia de trabalhadores especializados que distingue a manufatura, surge na fábrica automática a tendência à equiparação ou nivelamento dos trabalhos que os auxiliares da maquinaria devem executar¹⁸⁰; no lugar das diferenças geradas artificialmente entre os trabalhadores, vemos predominar as diferenças naturais de idade e sexo.

(...)

O barateamento da força de trabalho por meio do mero abuso de forças de trabalho feminina e infantil, do mero roubo de todas as condições normais de trabalho e de vida e da mera brutalidade do trabalho excessivo e noturno choca-se, por fim, com certas barreiras naturais não transponíveis, o mesmo ocorrendo com o barateamento das mercadorias e com a exploração capitalista em geral, quando repousam nesses fundamentos. Assim que esse ponto finalmente é alcançado, o que demora bastante, soa a hora de introduzir a maquinaria e a agora rápida transformação do trabalho domiciliar esparsos (ou também da manufatura) em produção fabril. (...)

Vimos como a maquinaria suprassume [aufhebt] a cooperação baseada no artesanato e a manufatura baseada na divisão do trabalho artesanal. Um exemplo do primeiro tipo é a máquina de ceifar, que substitui a cooperação de ceifeiros. Um exemplo cabal do segundo tipo é a máquina para fabricação de agulhas de costura. Segundo Adam Smith, à sua época dez homens fabricavam diariamente, por meio da divisão do trabalho, mais de 48 mil agulhas de 647/1493 costura. Mas uma única máquina fornece 145 mil agulhas numa jornada de trabalho de 11 horas. Uma mulher ou uma moça supervisiona, em média, quatro dessas máquinas e, assim, produz com a maquinaria 600 mil por dia, isto é, mais de 3 milhões de agulhas de costura por semana. (...)

Com o desenvolvimento do sistema fabril e o conseqüente revolucionamento da agricultura, não só se amplia a escala da produção nos demais ramos da indústria como também se modifica seu caráter. Por toda parte torna-se determinante o princípio da produção mecanizada, a saber, analisar o processo de produção em suas fases constitutivas e resolver os problemas assim dados por meio da aplicação da mecânica, da química etc., em suma, das ciências naturais. Logo, a maquinaria se impõe, ora neste, ora naquele processo parcial no interior das manufaturas. Com isso, a cristalização rígida da organização manufatureira, que tem origem na velha divisão do trabalho, é dissolvida e dá lugar a uma modificação incessante. Além disso, a composição do trabalhador coletivo ou do pessoal combinado 649/1493 de trabalho é revolucionada desde seus fundamentos. Contrariamente ao período da manufatura, agora o plano da divisão do trabalho se baseia, sempre que possível, na utilização do trabalho feminino, do trabalho de crianças de todas as idades, de trabalhadores não qualificados, em suma, do “cheaplabour”, o “trabalho barato”, como o inglês o denomina de modo tão característico. Isso vale não só para toda a produção combinada em larga escala, quer empregue maquinaria ou não, mas também para a assim chamada indústria domiciliar, tenha ela lugar nas residências privadas dos trabalhadores ou em pequenas oficinas. Essa assim chamada indústria domiciliar moderna nada tem a ver, exceto pelo nome, com a indústria domiciliar antiga, que pressupunha um artesanato urbano e uma economia camponesa independentes, além de, sobretudo, um lar da família trabalhadora. Atualmente, essa indústria se converteu no departamento externo da fábrica, da manufatura ou da grande loja. Além dos trabalhadores fabris, dos trabalhadores manufatureiros e dos artesãos, que ele concentra especialmente em grandes massas e comanda diretamente, o capital movimenta, por fios invisíveis, um outro exército: o dos trabalhadores domiciliares, espalhados pelas grandes cidades e pelo campo. Exemplo: a fábrica de camisas do sr.

Tillie, em Londonderry, Irlanda, que emprega mil trabalhadores na fábrica e 9 mil trabalhadores domiciliares dispersos pelo campo. (...)

Não foi, no entanto, o abuso da autoridade paterna que criou a exploração direta ou indireta de forças de trabalho imaturas pelo capital, mas, ao contrário, foi o modo capitalista de exploração que, suprimindo a base econômica correspondente à autoridade paterna, converteu esta última num abuso. Mas por terrível e repugnante que pareça a dissolução do velho sistema familiar no interior do sistema capitalista, não deixa de ser verdade que a grande indústria, ao conferir às mulheres, aos adolescentes e às crianças de ambos os sexos um papel decisivo nos processos socialmente organizados da produção situados fora da esfera doméstica, cria o novo fundamento econômico para uma forma superior da família e da relação entre os sexos.

*O número de trabalhadores aumentou muito, porque se substitui cada vez mais trabalho masculino por feminino e sobretudo trabalho adulto por infantil. Três garotas de 13 anos de idade com salários de 6 a 8 xelins por semana, deslocaram um homem adulto com salário de 18 a 45 xelins. Como certas funções da família, por exemplo cuidar das crianças e amamenta-las, etc., não podem ser totalmente suprimidas, as mães de família confiscadas pelo capital tem de arranjar substitutas mais ou menos equivalentes. Os trabalhos domésticos que o consumo da família exige, como costurar, remendar, etc., precisam ser substituídos pela compra de mercadorias prontas. Ao menor dispêndio de trabalho doméstico corresponde, portanto, maior dispêndio de dinheiro. Os custos de produção da família operária crescem, portanto, e contrabalançam a receita suplementar. Acrescente-se a isso que economia e eficiência no uso e na preparação dos meios de subsistência se tornam impossíveis. Sobre esses fatos escamoteados pela Economia Política oficial, encontra-se rico material nos Relatórios dos inspetores de fábrica.

O Trabalho da Mulher na Fábrica

V. I. Lênin (Março de 1899)

Primeira Edição: De "O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia", publicado pela primeira vez em 1899. (Obras Completas, 3ª ed. russa, vol. III, pág. 428.) Fonte: *O Socialismo e a Emancipação da Mulher*, Editorial Vitória, 1956.

(...) Em relação à transformação que a fábrica operou nas condições de vida da população, deve-se observar que a incorporação de mulheres e de adolescentes à produção é no fundo, um fenômeno progressista. Não há dúvida de que a fábrica capitalista põe essas categorias da população operária numa situação particularmente difícil; não há dúvida de que a estas mais do que às outras, é necessário reduzir e regular a jornada de trabalho, assegurar condições higiênicas de trabalho etc., mas a tendência a proibir por completo o trabalho das mulheres e dos adolescentes na indústria ou a manter o regime patriarcal, que não admitia esse trabalho, seria reacionária e utópica. Destruindo o isolamento patriarcal dessas categorias da população que anteriormente não saíam dos estreitos limites das relações familiares e domésticas; atraindo-as à participação direta na produção social, a grande indústria mecanizada acelera seu desenvolvimento, amplia sua independência, isto é, cria condições de vida infinitamente superiores à imobilidade patriarcal das relações pré-capitalistas.

Notas de rodapé:

(1*) Segundo o Índice, as fábricas da Rússia europeia empregavam em 1830 875.764 operários, dos quais 210.207 mulheres (24%); 17.793 rapazes (2%) e 8.216 moças (1%). (Nota de Lênin.)

(2*) «A pobre tecelã segue o pai e o marido para a fábrica, trabalha a seu lado e independentemente deles. Sustenta sua família do mesmo modo que um homem. » «Na fábrica (. . .) a mulher é um produtor absolutamente independente, da mesma forma que seu marido.» Entre as operárias da fábrica, a instrução se difunde rapidamente. (As Indústrias do Município de Vladimir, III, págs. 113, 118, 112 e outras.) A conclusão seguinte do Sr. Kharizomenov é inteiramente justa: a indústria põe fim «à dependência econômica da mulher no âmbito da família (. . .) e diante dos homens (. . .)» «Na fábrica a mulher se torna igual ao homem: é a igualdade do proletário (. . .) A indústria capitalista tem um papel importante na luta da mulher por sua independência na família.» «A indústria cria para a mulher uma situação nova, completamente independente da família e do marido.» (JuridicheskiViestnik («O Mensageiro Jurídico»), 1883, n.º 12, págs. 582586.) Na Coletânea de Informações Estatísticas da Província de Moscou (vol. VII. Moscou, 1882, págs. 152, 138-139) os informantes comparavam a situação da operária na fabricação manual e na fabricação mecânica de meias. No trabalho a mão, o salário é de cerca de 8 copeques por dia; no trabalho a máquina, de 14 a 30. A situação da operária na fabricação a máquina é descrita da seguinte maneira: «(. . .) Diante de nós te mos uma jovem já livre e a quem nada atemoriza, emancipada da família e de tudo aquilo que caracteriza as condições de existência da camponesa, uma jovem que pode, em qualquer momento, mudar de lugar e de patrão, e que pode, em qualquer momento, ficar sem trabalho (. . .) sem um pedaço de pio (. . .) Na produção manual, a mulher que trabalha em malhas tem um salário mesquinho, que não basta para cobrir as despesas de sua comida, a menos que ela pertença a uma família com fazenda, com nadiel (lote de terra comum) — (N. da ed. bras.) e se beneficie, em parte, dos produtos dessa terra; na produção mecanizada, a operária, além da comida e do chá, tem um salário que até lhe permite (. . .) viver fora da família sem recorrer às entradas que a família retira da terra (. . .) Ao mesmo tempo, nas condições atuais, a retribuição da operária na indústria mecanizada é mais segura.»

Fetichismo, coisificação e alienação no capitalismo

Machado e Soares (2017)

Introdução

Por que e como introduzir os conceitos de Alienação – fetichismo - reificação e ideologia na discussão de opressão no capitalismo?

Primeiro porque uma coisa é a origem da opressão ou das opressões a setores sociais, outra coisa é como ela se expressa no capitalismo e a que serve. As bases sociais da opressão como fenômeno social concreto corresponde a distintas relações sociais contraídas pelo homem para a reprodução material da vida, ou a forma como a sociedade de classes se apropria do trabalho excedente, mais conhecido como exploração.

Por isso se converte em anacrônico, além de teórica e politicamente equivocado, falar de patriarcado em pleno capitalismo imperialista, embora, a instituição do machismo tenha sua origem nas sociedades camponesas que introduz a propriedade privada. Mas dentro das relações sociais capitalistas além de servir a outro objetivo, tem uma base material distinta.

No texto de Marx sobre o fetichismo da mercadoria, ao referir-se sobre as relações sociais que precederam o capitalismo na Europa afirma:

“... a sombria Idade Média europeia. Em vez do homem independente, aqui só encontramos homens dependentes – servos e senhores feudais, vassallos e suseranos, leigos e clérigos. A dependência pessoal caracteriza tanto as relações sociais da produção material quanto as esferas da vida erguidas sobre elas. Mas é justamente porque as relações pessoais de dependência constituem a base social dada que os trabalhos e seus produtos não precisam assumir uma forma fantástica distinta de sua realidade.”¹

1 Marx, O caráter fetichista da Mercadoria e seu segredo. O Capital V. I. Boitempo. (grifo nosso)

Distinto da Idade Média europeia, o capitalismo, arrancou pela violência os meios de subsistência das pessoas, convertendo-as em “independentes”, isto é, obrigadas a vender sua força de trabalho para sobreviver. Já não estavam presas a terra ou a uma relação pessoal de dependência. A partir daí os indivíduos devem produzir a sua sobrevivência e o trabalho excedente, na forma de mais valia, que é apropriado pelo burguês. Se esse processo que caracteriza a exploração sobre a base da propriedade privada expressa “as relações sociais da produção material” devemos entender como esse fenômeno se expressa na “esfera da vida erguida sobre ela” no sistema capitalista.

Então por isso o nosso objetivo aqui é desvendar a base material oculta nas relações sociais capitalistas, baseada na exploração do trabalho alheio, que explica a opressão. E o fio de continuidade com o passado é a propriedade privada (isso não quer dizer que onde não havia propriedade privada não existia opressão), pois é a partir dela e da forma específica de extrair o trabalho excedente (exploração) que o capital manteve e aprofundou a opressão machista e desenvolveu outras.

A opressão se baseia em definir o outro como um ser inferior. Ocorre que as relações humanas são construídas socialmente, quer dizer, são relações entre pessoas, mas não aparecem assim. Partindo desta premissa, no capitalismo, quem está no topo da hierarquia social é identificado como um “ser superior” (ou um vencedor como se diz nos EUA). É a posse do capital que transfere aos capitalistas o poder do dinheiro que compra atributos e qualidades individuais. O capitalista é a personificação de um objeto, que dentro de uma determinada relação social, se converte em valor, em capital, e aí vale o trocadilho para “valor” em sentido amplo: quanto mais vale o seu capital, mais valores como pessoa lhe são atribuídos.

Se o capitalista assume as “qualidades” ou os atributos de sua propriedade, então os sem-propriedade seriam “seres inferiores” ou “menos capazes”. Esta lógica implacável permeia a vida em toda sua dimensão social. Esta construção social que humaniza as coisas e desumaniza as pessoas, não atinge somente uma parte da sociedade, ela se ergue em todas as “esferas da vida” construída sobre a base da exploração que começa com considerar a força de trabalho como uma mercadoria, uma coisa.

[aos produtores]... As relações sociais entre seus trabalhos privados aparecem como aquilo que elas são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, mas como relações reificadas [coisificadas] entre pessoas e relações sociais entre coisas. (Marx, O caráter fetichista da Mercadoria e seu segredo)

O que são “relações diretamente sociais entre pessoas” aparece como relação entre coisas, o trabalhador para produzir se relaciona com “coisas”, mas ao ser contratado ele também é uma coisa, uma mercadoria. Por isso o que aparece “são relações reificadas [coisificadas] entre pessoas”. E o mercado onde as pessoas têm acesso às mercadorias toma a forma de “relações sociais entre coisas”, acaba dando vida à mercadoria, pois está oculta a sua verdadeira base: o trabalho e as relações sociais as quais ela foi produzida.

Mas ao considerar as pessoas objetos ao serviço do lucro, a relação social que se ergue sobre esta base não trata a todos os “objetos” como iguais. Constroem ideologias que aprofundam a alienação e utiliza a diferença para incrementar a desigualdade, isto se converte em humilhação, violência, degradação, em uma palavra, opressão, para além da que todo o proletariado como classe está submetido.

Herdada de sociedades agrárias que institui a propriedade privada, a instituição machista nas relações sociais capitalistas tem uma função distinta das outras relações sociais que a precederam. Para sacramentar juridicamente a “inferioridade feminina” o capitalismo na Europa vetou a posse jurídica da propriedade às mulheres, isso se prolonga até o século XX..., ou seja, “sacramenta a sua inferioridade” na medida em que as qualidades inatas a posse da propriedade não poderia ser repassadas às mulheres, considerada um ser “inferior”.

Mas se saímos da secular opressão a mulher e da outra base da alienação que é a família (ver texto de Milciades) e isso transforma os LGBT's em algo “estranho”...pois a relação social básica para a reprodução é a família e dentro dela o sagrado direito de herança é sua função básica.

Quando nascia o capitalismo e massacrava crianças nas fábricas inglesas, a necessidade de força de trabalho para as Américas transforma os sem-propriedades da África não em seres humanos, mas diretamente em instrumentos de trabalho. Por isso o historiador Erik Williams diz que o racismo é diretamente um produto da escravidão. Neste caso não houve qualquer mediação, porque o escravo era de fato uma coisa, não a sua força de trabalho, mas a pessoa como tal.

O sentido mais geral de negar que o outro seja parte de sua espécie foi a justificativa suprema dada pela igreja católica aos pagãos das índias e da África, que não tinham alma, por isso não poderiam ser considerados humanos, foi a justificativa para o genocídio. O nazismo somente elevou esse fenômeno a uma forma de patologia social em que negros, ciganos, judeus, todos os “outros” eram coisas, fora da espécie humana e deviam ser escravizados, foi então a expressão máxima da opressão a serviço da exploração capitalista.

Assim, todo o proletariado, i.e., os que são obrigados a vender sua força de trabalho, são “coisas descartáveis”, além da exploração, também sofre o seu subproduto, a humilhação de todos os dias, e quando está desempregado ainda mais. Ocorre que a alienação, que tem como base o fato de que tudo o que é produzido pelo homem se volta contra ele, ao passo que estranha o da mesma espécie, seja com concorrente a mesma vaga no trabalho, se torna presa fácil à ideologia dominante, que cria a inferioridade. Isso não é um problema de indivíduos, mas de toda sociedade que preenche suas frustrações no alheio.

Em outras palavras, são as relações sociais no capitalismo que alimenta a opressão. Por isso as ideologias ganham a força material e objetiva (ver Milciades: Marxismo e economicismo). Entender, portanto de onde frui as ideologias no capitalismo, é compreender a relação dialética do que a mente separa para compreender. Mas que no fundo são as relações sociais.

Entender, portanto as razões as quais a propriedade privada e a exploração na sociedade capitalista é a base sobre a qual se ergue a opressão em todas as esferas da vida, nos leva a colocar a destruição do capitalismo como a primeira necessidade para criar as bases que nos permite destruir as ideologias opressoras que tem um peso próprio e dinâmica incrustadas nas cabeças.